



## A organização do P.E.N. Clube do Brasil

MATEUS AMÉRICO GAIOTTO\*

### Resumo

O P.E.N. Clube do Brasil foi fundado no dia 02 de abril de 1936, na cidade do Rio de Janeiro, nos moldes do *P.E.N. International*, e destina-se ao intercâmbio entre escritores brasileiros e estrangeiros. Organizado pelo médico e escritor Cláudio Justiniano de Souza, o centro brasileiro foi o sétimo do tipo a ser criado no continente americano, que na época já contava com similares na Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Estados Unidos e México. Com sua sede internacional na cidade de Londres, organizada pela escritora Catherine Dawson-Scot no ano de 1921, o PEN (acrônimo para “*Poets, Playwrights, Editors and Novelists*”) atua no modelo federativo e demanda dos centros estrangeiros um elevado grau de comprometimento com as resoluções fundamentais da agremiação, presentes desde os seus primórdios. A análise do funcionamento do PEN, tanto de modo internacional como nacionalmente, demonstra as formas pelas quais os brasileiros buscaram por meio do clube inserir-se nos debates internacionais da época. Somado a isso, temos a pretensão de caracterizar o grupo intelectual reunido no clube, demarcando, na medida do possível, as ações públicas dos seus componentes, além de dar conta do processo de recrutamento e da composição social do quadro de membros, responsável em grande parte pela forma com que o PEN se colocou nos debates da época, principalmente quanto aos assuntos relativos à profissionalização dos escritores. Para tal, são utilizados na análise de forma central os *Boletins* do PEN Clube do Brasil, publicações anuais encabeçadas por Cláudio de Souza e custeadas por ele. Os *Boletins* figuram como um espaço privilegiado de informações a respeito do dia a dia do clube brasileiro por ser construído partes por artigos da imprensa, partes por documentação oficial, obviamente sob um olhar que buscava destacar a importância do PEN brasileiro, e não suas fraquezas. Analisar as ações do P. E. N. Clube do Brasil e acompanhar o seu envolvimento com as questões do período apresenta-se como uma necessidade, tendo em vista a escassez de pesquisas sobre essa agremiação, que participou ativamente dos debates do e no mundo intelectual brasileiro da primeira metade do século XX, o que nos coloca questões instigantes, entre as quais a motivação do seu quase esquecimento.

---

\* Mestrando PPGH – UNESP/Assis; Bolsista FAPESP – processo: 2015/23877-0.

## Introdução

Conhecer o meio intelectual, num determinado tempo e espaço, implica em analisar a dinâmica entre certa tradição e projetos estético-políticos, que se expressa, como bem assinalou Ângela de Castro Gomes, em salões, academias, redações de periódicos, cafés e outros espaços que se constituem em eixos poderosos para a compreensão do "pequeno mundo dos intelectuais", para retomar a expressão consagrada por Sartre. (GOMES, 1999: 22)

Para tal, antes de atentar-se para essas questões culturais apresentadas, no que diz respeito ao período em análise, 1936, as questões de ordem política são incontornáveis, sobretudo após a implantação da ditadura do Estado Novo no ano seguinte. Há que se destacar que a relação entre intelectuais e o governo de Getúlio Vargas foi marcada por tensões que não podem ser resumidas ao par oposição ou adesão. Segundo Maria Helena Rolim Capelato:

O apoio de intelectuais e artistas ao Estado Novo e a convivência pacífica dos que se opunham ao governo autoritário com o Ministério da Educação representam uma das características peculiares do regime, que se explica, segundo alguns autores, pela postura controvertida de Gustavo Capanema à frente desse ministério entre 1934 e 1945. (CAPELATO, 2009: 121)

Como destacado pela autora, o Ministro Gustavo Capanema foi célebre pela capacidade de conciliar contrários, como evidenciam os trabalhos enfileirados no livro *Capanema: o ministro e seu ministério* (GOMES, 2000), que bem evidencia as articulações entre os projetos políticos do Estado e o lugar aí reservado aos intelectuais, questão chave para o entendimento da política cultural da época. O P.E.N. Clube do Brasil precisa ser inserido nesse contexto tenso, marcado pelo cerceamento da liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, pelas exigências de engajamento dos intelectuais. Aliás, não se pode esquecer que a instituição surgiu na Inglaterra, no contexto do pós Primeira Guerra Mundial e que não se furtou a discutir os dilemas do seu tempo.

A convicção de que os horrores vivenciados durante a Grande Guerra não poderiam se repetir foi largamente compartilhada e propiciou o surgimento de várias instituições, nas mais diversas esferas da sociedade, com o objetivo de manter a paz. É nesse contexto que, no ano de 1921, uma "little-known poet and novelist", "overwhelmed by the suffering, hate and misery generated during and after the first world war" (WILFORD, 1979: 99), Catherine Amy

Dawson-Scot, organizou um clube internacional para escritores, o P.E.N, acrônimo para “*Poets, Playwrights, Editors and Novelists*”,<sup>2</sup> além de formar a palavra inglesa *pen* [caneta], referindo-se ao instrumento de trabalho utilizado pelo público alvo da associação.

Assim, criado num contexto londrino, destacado por ser diferente dos demais países, principalmente a França, o clube de Catherine buscava ampliar o cenário nacional que estava muito voltado para questões nacionais. Durante a década de 1910, os homens de letras britânicos aglutinavam-se em torno dos semanários *The New Age* e seu editor, Alfred Richard Orage, que reunia seus colaboradores nos fins de noite em bares e cafés para discutir temas filosóficos, literários e políticos, e do *The Nation*, chefiado por Henry William Massingham, que optava por fazer o mesmo com escritores e políticos que desfrutavam de distintos almoços em sala no “*National Liberal Club in Whitehall Place*”<sup>3</sup>. Como destacou Stefan Collini:

It was through references to the Dreyfus Affair that the term ‘intellectuals’ in its plural form seems to have acquired any general currency in English, though it was still usually garlanded with quotation marks to signal its alien origins and to indicate that it was not easy to point to either an existing term or a corresponding reality in Britain. (COLLINI, 2006: 22)<sup>4</sup>

### O P.E.N. Clube do Brasil

O P.E.N. Clube do Brasil, centro filiado ao PEN internacional, foi fundado no dia 02 de abril de 1936, na cidade do Rio de Janeiro, nos moldes do *P.E.N. International*, e destinava-se ao intercâmbio entre escritores brasileiros e estrangeiros. Nos anos de 1930, além da Academia Brasileira de Letras havia várias outras agremiações que se dispunham a reunir intelectuais, como bem destacou o dramaturgo Álvaro Moreira:

<sup>2</sup> Posteriormente ampliado para “*Poets, Playwrights, Editors, Essayists and Novelists*”.

<sup>3</sup> Principal residência dos reis da Inglaterra em Londres entre 1530 e 1698, teve sua função modificada devido à incêndios e às guerras, servindo de casa de banquetes no período.

<sup>4</sup> “Foi através de referências ao caso Dreyfus que o termo ‘*intellectuals*’ em sua forma plural parece ter adquirido qualquer tipo de ocorrência em Inglês, embora ainda fosse usualmente adornada com aspas para sinalizar suas origens estrangeiras e para indicar que não foi fácil indicar um termo existente ou uma realidade correspondente na Grã-Bretanha”. As traduções livres em língua estrangeira são de responsabilidade do autor. Stefan Collini faz uma análise profunda e sistemática a respeito do termo *Intellectual* na Grã-Bretanha entre o século XIX e as primeiras décadas do XX, evidenciando que, durante os anos da Guerra de 1914-1918, em alguns contextos, “*the nouns ‘intellectual’ and ‘highbrow’ could be used interchangeably*”, mesmo que continuassem a fazer referência aos estrangeiros. Assim, na referência aos letrados ingleses, o termo intelectual deve ser utilizado com ressalvas, ainda que não configure erro, visto que o papel que em outras sociedades atribuía-se aos intelectuais também foi desempenhado por vários escritores britânicos.

Há a academia propriamente dita. Há a Academia carioca. Há a Federação das Academias de Letras. Há a Fundação Graça Aranha. Há a Sociedade Felipe d'Oliveira. Há o Pen Club. Há, também, o consultório de Jorge de Lima. Cada Academia tem quarenta membros, incompletos em geral, porque a morte implica com esta dezena. A fundação retém oito companheiros, menos Peregrino Júnior, que não pode mais. A Sociedade, entre ausentes e presentes, conserva quinze. O Pen espera que os brasileiros cumpram com o seu dever. O consultório abre a porta a todas as compreensões. (GOMES, 1999: 77)

A reunião de um grupo de intelectuais justificasse pelo compartilhar de leituras e interpretações de mundo. Nas palavras de Jean-François Sirinelli: “Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. (RÉMOND, 1996: 248)

Gostos e afinidades que não necessariamente se restringem à noção de geração entendida na sua dimensão cronológica, mas que pode comportar o partilhar de um elemento fundador que une indivíduos para além de marcos temporais. Mais uma vez, cabe citar as ponderações de Sirinelli:

No meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita. (RÉMOND, 1996: 255)

Em outra oportunidade o autor retoma o assunto e destaca que

Certamente a geração, no sentido “biológico”, é aparentemente um fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial. Além disso, e a constatação vai no mesmo sentido, a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula. (idem: 133)

No caso do PEN, compartilhava-se a mesma herança cultural, construída a partir de um ponto em comum: a Academia Brasileira de Letras. No primeiro *Boletim* da nova agremiação, afirmava-se que “entre os fundadores [do PEN] contam-se vinte e um membros da Academia

Brasileira de Letras, dos vinte e cinco que no momento estavam no Rio de Janeiro”,<sup>5</sup> entre eles o presidente, Laudelino Freire, e os diretores da instituição.<sup>6</sup> Nos dias subsequentes, outros setes acadêmicos juntaram-se ao PEN: Affonso Taunay, Magalhães de Azeredo, Luís Guimarães Filho, Guilherme de Almeida, Paulo Setúbal, Xavier Marques e Ribeiro Couto.

A ABL, organizada para ser um espaço de consagração e sociabilidade entre os maiores escritores brasileiros e que pretendia ser arbitro nas questões relativas à língua portuguesa, ocupava, naquele momento, lugar privilegiado e ainda não questionado,<sup>7</sup> tanto que houve estreita relação ente as duas entidades. Ainda no *Boletim* inaugural, a Academia foi comparada à Academia Francesa, ou seja, uma instituição nacional, a exemplo do Senado e do supremo tribunal para os julgamentos de natureza literária.<sup>8</sup> Havia mesmo uma divisão de competências, cabendo à ABL a soberania nas questões nacionais e ao PEN representar os escritores brasileiros em âmbito internacional, o que garantia espaços próprios de atuação e permitia que as duas instituições pudessem conviver.

Se parte significativa dos imortais prestaram seu apoio ao novo clube, resta saber porque nomes como Cassiano Ricardo, Levi Carneiro, Hélio Lobo, Aloísio de Castro, Dom Aquino Correia, Ataulfo de Paiva, Afrânio Peixoto, Alcides Maya e Alcântara Machado não o fizeram. Um ponto de tensão deu-se poucos meses após a fundação do PEN, a 17 de setembro de 1936, quando entrou na pauta da Academia pedido do Ministério das Relações Exteriores solicitando que a entidade

(...) promovesse, à semelhança do que fizera com o escritor Stefan Zweig, duas sessões públicas em homenagem aos escritores Georges Duhamel, da Academia Francesa, e Emil Ludwig, os quais, de volta de Buenos Aires, se demorarão alguns dias nesta cidade.<sup>9</sup>

Os três escritores citados eram sócios do PEN e estavam em Buenos Aires em função do 14º congresso da associação. Os indicados para a tarefa declinaram o convite: Gustavo

<sup>5</sup> *Boletim*, Ano I, n.1, p. 1, jul. 1936.

<sup>6</sup> Cláudio de Souza encontrava-se nesse grupo pois já constava no quadro de membros da academia desde 1924 quando eleito para a Cadeira de número 29.

<sup>7</sup> Mesmo que não possua função clara na sociedade atual, a casa de Machado de Assis apresentava-se à sociedade como o espaço por excelência do melhor que o país dispunha em sua literatura e que buscava, com seu projeto “academicista”, um lugar de proeminência. Diante da preocupação em construir e consolidar o cânone brasileiro, a língua e sua forma eram de primordial importância, visto que ela é a ferramenta com a qual os escritores constroem suas obras.

<sup>8</sup> A Academia Brasileira de Letras e o P.E.N.. *Boletim*, Ano I, n.1, p. 2, jul. 1936.

<sup>9</sup> Arquivo Cláudio de Souza. Academia Brasileira de Letras. Ata do dia 17 de setembro de 1936, p.219.

Barroso, designado para saudar Ludwig, recusou-se sob o argumento “que são bem conhecidas as suas ideias relativas aos judeus”, enquanto Fernando Magalhães, proposto para substituir o colega, também recusou sob o argumento que escrevera para a *Gazeta de S. Paulo* artigo de crítica ao Congresso dos P.E.N. e aos discursos de Ludwig e Duhamel, “por conter ideias subversivas”, além de não considerar adequado que a Academia recebesse “em sessão pública escritores comunistas”.

Fica evidente que a questão residia na posição política dos membros do PEN, o que é corroborado pela filiação, logo seguida de desligamento, de Alceu Amoroso Lima. Conhecido por suas posições conservadoras, o escritor figurou entre os membros fundadores no Estatuto de 1937, mas relatou que “escrevera uma carta ao presidente do P. E. N. Clube do Brasil, desligando-se dessa associação, porque tem motivos para acreditar que a política não é de todo excluída de suas atividades”.<sup>10</sup>

A despeito das divergências, o PEN sempre contou com número expressivos de sócios que também pertenciam à ABL, o que inclui diretorias compostas por membros do PEN entre 1936 e 1954:

Como tem sucedido desde o ano de nossa fundação, a Academia Brasileira de Letras em sua diretoria eleita para 1948 terá na sua presidência um sócio titular fundador do P.E.N. Clube, pois nosso sócio titular o Embaixador João Neves da Fontoura, que sucedeu a nosso presidente na diretoria da Academia em 1947, passou este cargo para 1948 por eleição unânime ao desembargador Ademar Tavares, nosso sócio titular fundador. Para Secretário Geral, que corresponde ao lugar de vice-presidente, foi eleito nosso sócio titular fundador, Dr. Mucio Leão, que já exerceu com grande brilho o cargo de presidente.

Assim com dois de seus cintilantes espíritos na direção do mais alto instituto literário do Continente pode o P.E.N. Clube congratular-se consigo mesmo pela consagração desses altos valores que muito prestigiam seu quadro social.<sup>11</sup>

Quanto a outra parcela de membros do PEN, que não integrava a Academia, temos grupos advindos dos outros espaços pelos quais Cláudio de Souza transitava. Natural de São Roque (SP), transferiu-se Souza da Faculdade de Medicina da Bahia para o Rio de Janeiro, cumprindo assim trajetória frequente das elites letradas brasileiras, que se dedicavam ao estudo do Direito, da Medicina e, mais recentemente, da Engenharia. Veja-se, a título de exemplo, o depoimento de Gastão Cruis, importante romancista, fundador e diretor, ao lado de Agripino

<sup>10</sup> Arquivo Cláudio de Souza. Academia Brasileira de Letras. Ata da reunião realizada dia 3 de outubro de 1937, p.232.

<sup>11</sup> O P.E.N. e a Academia Brasileira. *Relatório*, Ano XII, n.16, p. 24, mar. 1948.

Grieco, do *Boletim de Ariel*, que se referiu à importância da vivência nas faculdades quando respondeu à questão:

“- Arrepende-se, então, de ter estudado Medicina?”:

- De modo algum. No meu tempo de estudante não havia ainda aqui Escolas de Filosofia e Letras. Portanto, mesmo para aqueles que se quisessem dedicar à Literatura, o melhor curso seria ainda Medicina. Pelo menos esse curso, com sua obrigatória frequência aos hospitais, lhes daria um rico campo de observações, um grande contato com a vida, com as faces dolorosas da vida. E dores nem sempre apenas físicas. Dramas também muitas vezes morais. (SENNA, 1996: 236-237)

Não por acaso, Medicina e Direito eram opções tão frequentes, aliás como atesta o fato de 41,3% dos membros fundadores do PEN tivessem essa formação.

#### Quadro 1: Filiação e Formação dos sócios fundadores

	Nº / % total de sócios fundadores
<b>Membros da A.B.L antes de 1936</b>	<b>20 / 46%</b>
<b>Membros da A.B.L. antes de 1954</b>	<b>26 / 60%</b>
<b>Médicos</b>	<b>7 / 16%</b>
<b>Advogados</b>	<b>11 / 25,3%</b>
<b>Jornalistas</b>	<b>10 / 23%</b>
<b>Outros<sup>12</sup></b>	<b>15 / 34,5%</b>

A imprensa, por seu turno, era outro espaço privilegiado de atuação dos intelectuais do tempo e, segundo se sabe, Cláudio de Souza “desde os 16 anos colaborava na imprensa carioca, em *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio* (...) e continuou colaborando na imprensa paulista”<sup>13</sup> após seu retorno à cidade, uma vez formado. Tendo em vista a centralidade de jornais e revistas nesse momento, não surpreende que vários jornalistas também estivessem no PEN, caso de Berilo Neves, Elmano Cardim, João Luso, Luís Edmundo, Múcio Leão, M. Paulo Filho, Raul de Azevedo, Victor Viana e Viriato Correia.

A bibliografia tem insistido que

<sup>12</sup> Aqui encontra-se reunidos: Escritores Profissionais / Engenheiros / Historiadores / Geógrafos / Funcionários Públicos / Políticos / Artistas.

<sup>13</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Acadêmicos: Cláudio de Sousa. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa/biografia>. Acesso em: 16 ago. 2016. (Nota-se que o sobrenome Sousa, escrito com “S”, configura um erro presente no site da instituição).

Em relação ao intelectual carioca, o perfil construído é o de um produtor de bens simbólicos que está marcado por uma dupla e contraditória inscrição social. De um lado, ele possuiria um estreito vínculo com o Estado, pois seria com muita frequência um funcionário público, o que o impregnaria de um misto de dependência, atração e desprezo por seu “patrão”. De outro, por não conseguir um grande reconhecimento social ou não conseguir ascender às altas esferas do poder político, integrando e influenciando suas instituições de maneira profunda, acabaria por eleger a “rua” como seu *locus* de sociabilidade por excelência, tendo na vida boêmia e na convivência com a população marginal um de seus traços definidores. (GOMES, 1999: 24)

Os fundadores do PEN Clube do Brasil, em sua maioria provenientes de camadas mais abastadas e relacionadas ao poder público, encontram-se imersos no cenário carioca, no qual também se inseria o paulista Cláudio de Souza, que nunca deixou de manter fortes relações com o meio intelectual e cultural de São Paulo. Ele exerceu a medicina na cidade até 1913 e alguns anos antes, em 1909, esteve entre os fundadores da Academia Paulista de Letras (Cadeira nº21). Além de integrar os meios literários paulistanos, contribuiu ativamente na imprensa, com destaque para o periódico fundado por sua irmã, a *Revista Feminina*.<sup>14</sup>

Partindo da auto concepção que reafirmava fins puramente literários, a exemplo da agremiação congênere inglesa, o P.E.N. Clube do Brasil possuía especificidades, aliás como era comum em todos os países nos quais a entidade se organizava. No Brasil, segundo os artigos 6 e 7 do Estatuto, o PEN funcionaria em torno de jantares mensais. Mais do que espaços de convivência e confraternização, esses encontros também se constituíam em Assembleia Geral,<sup>15</sup> órgão máximo da associação. Evidencia-se, desta forma, a importância e centralidade desses eventos na vida social e institucional. Veja-se a concepção de Cláudio de Souza, para quem esses encontros eram a essência mesma da entidade que, na sua perspectiva, “não se fundou como entidade de combate ou de produção”, pelo contrário, para o escritor

Terminada a Grande Guerra, o escritor sentiu mais do que ninguém o vácuo que a destruição criara ao redor do homem, e principalmente, do homem culto. (...). Quem se vê só em campo assim desolado, no qual apenas se divisam os aspectos fantasmagóricos de raros cimos ainda em pé, mas criados pelo foto das baterias, sente necessidade de chamar por alguém, de ouvir uma voz qualquer, para sentir-se em mundo ainda vivo.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> A relação de Cláudio de Souza com a *Revista Feminina* é significativa, pois Souza contribuiu não apenas financeiramente para a publicação como foi colaborador assíduo do impresso, assumindo o pseudônimo Ana Rita Malheiros, informação está que nunca foi revelada aos leitores da revista.

<sup>15</sup> Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.

<sup>16</sup> Dois anos de vida social. *Boletim*, Ano I, n.5, p.1, nov. 1937.

Não surpreende que fizesse uma analogia entre o P.E.N. e uma família, cujo ideal era realizar “um Jantar por mês em que se reunissem, conversassem, trocassem expressões afetuosas”. E prosseguia ao considerar o “*Boletim* como uma carta de parente a parente: ‘Jantamos ontem juntos. Pensamos muito em vocês. Mande-nos notícias suas’”, enquanto o “congresso, anualmente variando de país, como reunião de ano-bom, à qual acodem parentes que moram em regiões distantes”.<sup>17</sup> Aparava-se, de saída, qualquer possibilidade de discussão, desacordo ou debate, como se somente pudesse reinar o tom harmonioso e condescendente que domina as relações entre entes queridos.

Cláudio de Souza, inserido em diferentes redes de sociabilidade e com uma produção bastante expressiva no final dos anos de 1930 – o escritor já havia publicado mais de 40 obras ao final daquela década - além das associações nacionais, e de presidir a Academia Brasileira de Letras em duas oportunidades (1938 e 1948), Souza também integrou a Academia de Ciências de Lisboa, a Academia de Artes y Letras de Havana e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, da Liga das Nações (A respeito do Instituto, ver: DUMONT, 2008), evidenciando relações com entidades dentro e fora do país.

Sua importância para o PEN Clube do Brasil foi percebida já nos primórdios da associação, tanto que Raul Pedroza (1892-1962), dramaturgo e membro fundador da entidade, procurado por Cláudio de Souza ainda em 1936, para tratar da criação da versão brasileira. Em 1940, portanto pouco tempo depois da fundação, anotou: “(...) apareceu certa manhã na minha residência, em Copacabana. Mostrou-me os estatutos da nova associação. Falou-me. Sua palavra arrebatadora descreveu, em alguns traços rápidos, largos e seguros, o grande sonho de fraternização que surgiu no mundo após 1918”, para em seguida concluir: “O entusiasmo de Cláudio de Souza era contagioso”.<sup>18</sup>

Por sua dedicação e devoção ao PEN Clube, além de todo o auxílio financeiro oferecido à instituição, que não é possível tratar neste texto, durante a Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 30 de março de 1943, na sala do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa, a nomeação de Cláudio de Souza para mais um mandato foi interrompida por Harold Daltro. Segundo ele, “diante dos serviços dedicadíssimos que tem prestado à sociedade, integrando-se inteiramente em seu programa”, Daltro apresentou uma emenda à proposta de

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> História do P. E. N. Clube do Brasil. *Boletim*, Ano IV, n.8, s/p, jan. 1940.

eleição “para que fosse aclamado o Dr. Cláudio de Souza como presidente perpétuo”,<sup>19</sup> aprovada unanimemente.

## Conclusão

Pode-se afirmar que o P. E. N. Clube do Brasil, enquanto uma entidade de intelectuais, buscou sua própria forma de posicionar-se frente às questões de seu tempo, em âmbito nacional e internacional, o que não significa a adoção de uma postura altruísta ou pautada apenas por valores universais e superiores, na chave proposta por Julien Benda, mas também comportou doses significativas de corporativismo. Assim, a relação entre o pessoal e o coletivo mostrava-se complexa. Fundamentado em torno de uma geração de escritores que, em sua maioria, já gozavam de lugar privilegiado no cenário das letras brasileiras, a preocupação desses homens de letras voltou-se após sua fundação às questões de ordem supranacional e assim como o papel desempenhado pela Academia Brasileira de Letras foi fundamental para unir o grupo fundador do clube, percebe-se que a figura de Cláudio de Souza é a que deu coesão ao PEN brasileiro desde o seu início.

## Fontes e metodologia

O acervo documental do P. E. N. Clube brasileiro é um arquivo institucional, que reúne 80 anos de história, cabendo assinalar que não se trata de séries completas, mas de um conjunto que só recentemente recebeu alguma atenção no sentido de higieniza-lo e dota-lo de organização mínima. A maior parte da documentação, contudo, relaciona-se aos anos em que Cláudio de Souza esteve na presidência (1936-1954), visto que a dedicação de seu fundador para com o clube foi além dos assuntos estritamente sociais e corporativos.<sup>20</sup>

As fontes privilegiadas compõem rol diversificado, que inclui correspondências, *Boletins*, relatórios, participação dos sócios em eventos nacionais e internacionais, além de recortes publicados na imprensa periódica, sobretudo fluminense (*Jornal do Comércio*, *Correio*

---

<sup>19</sup> Assembleias Gerais. *Relatório*, Ano VII, n.11, p.20, abr. 1943.

<sup>20</sup> Cláudio de Souza afirmou, em várias ocasiões, que o PEN Clube do Brasil era sua “criação e devoção”, tal como na carta publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, em resposta a um artigo de Wladimir Bernardes: “Se soubesses que o PEN Clube do Brasil é criação e devoção minha”. *Entre amigos*. *Gazeta de Notícias*, 18 abr. 1942, p. 3.

*da Manhã, A Manhã, Diário de Notícias, O Globo*), e que foram conservados no acervo da própria instituição, o que já introduz importante viés analítico.

A despeito da tentativa de assegurar ao PEN destacado lugar social, o fato é que, do ponto de vista historiográfico, o Clube não conta com fortuna crítica e sua trajetória não foi objetivo de nenhum estudo sistemático até o momento. Para tal, por meio das fontes presentes no acervo da instituição, buscamos organizar a documentação encontrada e, com o auxílio do material disponível na imprensa, discutir o papel assumido pelo clube naquele momento.

### **Bibliografia**

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COLLINI, Stefan. *Absent Minds: intellectuals in Britain*. New York: Oxford University Press Inc, 2006.

DUMONT, Juliette. *L'Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil: le pari de la diplomatie culturelle*. Collection "Chrysalides", n°4, éditions de l'IHEAL, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Ângela Maria de Castro (org). *Capanema: o ministro e o seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Dissertação de Mestrado. *Universidade Estadual de Campinas – Programa de Pós-Graduação em História*. Campinas, São Paulo. 1998.

WILFORD, R. A. The PEN Club, 1930-50. *Journal of Contemporary History*, v. 14, n. 1, p.99, jan. 1979.

SENNA, Homero. *República das Letras: entrevista com 20 grandes escritores brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.